

# AFETIVIDADE ENTRE O PROFESSOR E ALUNO E A SUA IMPORTÂNCIA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

## AFFECTION BETWEEN THE TEACHER AND THE STUDENT AND THEIR IMPORTANCE IN THE PROCESS OF LITERACY IN EARLY EDUCATION

Jéssica Batista de Souza<sup>1</sup>

Lizandro Poletto<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho pretende abordar a afetividade entre o professor e o aluno com o intuito de obter bons resultados. A importância da aproximação primordial de ambas as partes, de modo que ocorra uma aprendizagem efetiva, tem como finalidade trazer consciência aos docentes a importância e como a afetividade pode ter um impacto positivo na vida dos discentes, busca ainda mostrar como desenvolver uma relação de afetividade entre professor aluno a partir de uma construção através do professor de respeito, dialogo aberto, o saber ouvir e o saber dizer, que são recursos indispensáveis nessa relação professor-aluno além de compreender a visão que os discentes tem do professor, e da forma que ele lida com os discentes, Aborda ainda como essa afetividade pode afetar diretamente o processo de ensino aprendizagem do aluno, tanto positivamente quanto negativamente levando em considerações pontos fundamentais para a aprendizagem. Foram realizadas pesquisas bibliográficas onde os autores justificam e são apoiadores da importância da afetividade entre professor-aluno no processo de ensino aprendizagem, onde a criança tem a necessidade de afetividade por parte do docente para com a criança de modo que criança tenha confiança e venha desenvolver e ter um melhor resultado na sua aprendizagem.

**Palavras-chave:** Afetividade Ensino-Aprendizagem. Educação.

**ABSTRACT:** This article addresses the contributions of the affective relationship to the teaching and learning process, in order to understand how the affective relationship between teacher and student occurs in Early Childhood Education. It is intended, from the concepts listed through the literature review, to seek the meaning of feeling and affectivity in the learning process. The analyzed data showed that the use of affectivity as an instrument improves and provides quality in learning, promotes positive returns in the acquisition of knowledge of the contents and in the formation of the student for life, articulates respect, love and affection in an interaction with other people. and thus makes a better world possible. The aim of the study was to report the child's development through the affective relationship as a positive influence, which can facilitate the teaching-learning process. Therefore, methodologically, it is based on a bibliographic review, based on authors and documents that discuss the studied theme, such as: LDB 9.394/96, Almeida (2005); Alves (2000); Barbosa (2006); Cury (2003); Dantas (1994); Piaget (1975); Wallon (1992) and others.

**Keywords:** Affectivity. Teaching-Learning. Education.

## INTRODUÇÃO

A Principal motivação desse trabalho é explanar sobre o conceito de afetividade entre o professor aluno na educação infantil, de modo que possamos compreender a relevância no processo de ensino aprendizagem do aluno, pois o

<sup>1</sup> Acadêmica concluinte do curso de Pedagogia do Centro Universitário Alfredo Nasser, no semestre 2022/2. E-mail: jeessiicaa.bs@gmail.com

<sup>2</sup> Pós Doutor em Educação – PUC/GOIÁS; Doutor em Ciências da Religião – PUC/GOIÁS; Mestre em História – UFPR-PR; Teólogo –PUC-PR; Teólogo – PUL - Roma, Itália; Bacharel em Direito – FAN-GO; Pedagogo –ULBRA-RS; Filósofo – FBB-BA; Historiador–FAN-GO; Administrador – FAN-GO; Cientista Social – ULBRA-RS; Geógrafo –FEAC-ES; Licenciado em Educação Física – Faculdade Ideal -DF; Tecnólogo em Gestão de Recursos Humanos – FEAC-ES. Professor do Centro Universitário Alfredo Nasser, Aparecida de Goiânia, GO. E-mail: lizandro@unifan.edu.br.

relacionamento afetivo auxilia na compreensão e transformação das pessoas, é necessário que o aluno tenha prazer em aprender e o professor precisa ser o mediador entre essa relação de ensino aprendizagem para com o aluno.

Atualmente o tema afetividade tem sido visto com importância para a educação de modo que o indivíduo inicia seu primeiro contato com novas pessoas que influenciam diretamente no desenvolvimento e formação da identidade a afetividade busca uma educação reflexiva, restaurando os principais motivos da formação do aluno levando em consideração a humanização, implicando novos desafios para a educação infantil, entre eles levanta questionamentos acerca do envolvimento da afetividade com o processo de ensino aprendizagem.

A afetividade entre professor é importante uma vez que o aluno enxerga no professor alguém que irá lhe ajudar acolher, e ensinar muitas coisas, e a pessoa que será um modelo de referência em toda a sua vida.

A pedagogia aplicada de forma afetiva com acolhimento, empatia, sensibilidade, trará segurança para que o aluno possa participar de forma ativa no ambiente escolar, de forma que a sua inteligência seja desenvolvida, de forma, rápida e saudável.

Para a educação a afetividade trás contribuições bem como influencia diretamente no comportamento dos alunos no que se refere à aprendizagem, A criança passa por um processo de desenvolvimento de competências emocionais desse modo faz-se necessário estimular práticas de valorização do aluno, para o professor por sua vez a afetividade colocada em pratica para com os alunos apresenta benefícios no processo de formação, onde o ambiente escolar fica agradável a todos e o professor contagia o aluno e o aluno contagia o professor.

A afetividade contribui para uma sociedade uma vez que questiona o indivíduo, pois requer uma educação voltada para o desenvolvimento afetivo, social e intelectual de forma completa, onde forma indivíduos pensantes, capazes de participar de uma sociedade.

## **1 AFETIVIDADE: ALGUNS CONCEITOS**

Segundo Ferreira (1999, P. 62) “afetividade é o conjunto de fenômenos psíquicos experimentados e vivenciados sob a forma de emoções e de sentimentos de dor, prazer, satisfação, agrado, desagrado, alegria ou tristeza”.

Wallon (1995, p. 288), define afetividade como um “domínio funcional, cujo desenvolvimento dependente da ação de dois fatores: o orgânico e o social. Entre eles há uma relação recíproca que impede qualquer tipo de determinação no desenvolvimento humano, tanto que a constituição biológica da criança ao nascer não será a lei única do seu futuro destino”.

Os seus efeitos podem ser amplamente transformados pelas circunstâncias sociais da sua existência onde a escolha individual não está ausente. Além de exercer um de grande importância em todas as relações, uma vez que influencia de forma decisivamente a percepção, memória, pensamento e vontades, sendo um componente, relevante para a harmonia e equilíbrio da individualidade humana. Wallon em sua teoria, afirma que:

A afetividade ocorre anterior à inteligência e está diretamente ligada às emoções e a construção de um ser humano sadio. Podemos considerar que a afetividade é tudo aquilo que afeta, negativa ou positivamente a vida do ser humano, e para que a inteligência se manifeste, é importante nutrir a criança de afeto, tendo sempre a consciência de que a afetividade a qual nos referimos não é somente abraçar e beijar, isto faz parte da prática afetiva, mas dar voz e vez a esta criança. (WALLON, 1992, p. 38)

Já para Piaget (1982), a afetividade faz parte da aprendizagem já que os sentimentos, desejos, interesses, tendências, valores e emoções, estão em todos os campos da vida. Estudos realizados pelo autor sempre se reforça a importância da afetividade, o afeto se tornando de fato necessário, porém não aplicado de qualquer forma, mas não só uma condição aplicada pelo professor, mas sendo trabalhado de entre conjunto com a família, e a escola.

Vygotsky (1998, p. 120), revela que o desenvolvimento pessoal é “operado em dois níveis: o do desenvolvimento real ou efetivo e o afetivo referente às conquistas realizadas e o desenvolvimento potencial ou proximal relacionado às capacidades a serem construídas”, portanto o processo no qual o afeto e o intelecto se desenvolvem e estão inteiramente enraizados em suas inter-relações e influências mútuas. O autor procura explicar a transição das emoções principalmente no que se refere à questão de os adultos terem uma vida emocional sofisticada. Ele defende que as emoções sempre se transformam e não deixam de existir.

Para Geraldo Mattos (2011) a definição da palavra afeto, segundo o Dicionário Júnior da Língua Portuguesa, significa sentimentos de afeição, amizade e amor. Nas variadas literaturas, afetividade está relacionada a diversos termos:

emoção, estado de humor, motivação, sentimentos, paixão, atenção, personalidade, temperamento e outros. O número de definições científica sobre a emoção é grande, e a afetividade é estudada em áreas de conhecimentos diversos.

A afetividade é um dos elementos mais relevantes a favor da aprendizagem e o desenvolvimento de cada criança, pois é através dessa proximidade que faz com que o professor conheça as dificuldades de cada aluno, e desse modo consiga estimular cada vez o seu potencial, e sobressaia as suas dificuldades.

O equilíbrio da afetividade trás segurança entre educador e aluno, desse modo que cada conteúdo ensinado se fixa e é de fácil compreensão para quem recebe, uma vez que o educador é um degrau para cada aluno que vai percorrer na vida, e a afetividade é o despertar para o desejo de aprender cada dia mais, onde a criança por meio da afetividade abre a sua mente.

A interação social tem um papel muito importante no desenvolvimento do indivíduo no meio em que ele se encontra, é a partir da interação entre diversas pessoas que se estabelece o processo de aprendizado e o aprimoramento das estruturas mentais do ser humano. Neste processo, é necessário que a pessoa estabeleça uma rede de contatos com outras pessoas para conseguir desenvolver a construção ou aprimoramento de novos conceitos pessoais.

O meio social adquire grande significância a partir do momento que assume o papel de meio de averiguação das diferenças entre as suas habilidades pessoais e as dos demais em seu círculo, para, a partir deste processo, formular hipóteses e sintetizar ideais acerca desses laços constituídos, tornando um processo interpessoal, num processo intrapessoal (POZO, 2012).

A formação do indivíduo está condicionada na qualidade do processo de troca que ocorre entre a sociedade, e do processo educativo do qual faz parte, por isso se enfatiza necessidade de considerar as relações pessoais e o processo educacional, pois estes exercem função essencial no processo de construção de conhecimento e na constituição e desenvolvimento do indivíduo.

Cada estágio da vida oferece desafios importantes para o desenvolvimento intelectual, o ser humano está em constante processo de aprendizado, desde o nascimento até a sua morte e isso não ocorre de forma isolada, são vários os fatores, tanto biológicos, quanto sociais ou históricos que influenciam na formação do sujeito, mas que isolados não determinam a sua regra (TOASSA, 2013).

Considerando a realidade ao seu redor de seus alunos, o professor pode desenvolver atividades envolvendo os jovens e adultos em um ambiente que favoreça a sua aprendizagem e o seu desenvolvimento intelectual. Um estudo realizado confirmou que as crianças que apresentaram uma boa socialização na sua primeira infância têm um melhor desenvolvimento intelectual, isso está relacionado com as oportunidades que possuíram em adquirir uma própria autonomia e segurança em si mesmas.

Já as crianças que não tiveram essas oportunidades e foram por algum motivo isoladas do convívio social, tendem a apresentarem uma personalidade mais retraída e insegura, tendo dificuldades em se comunicar na vida adulta. Ou seja, a inclusão do indivíduo em um meio social é de extrema importância na formação de conhecimento. O jovem que não conseguir se instalar no meio escolar, irá consequentemente aprender cada vez menos, isto é algo que justifica as altas taxas de desistência dentro do ensino EJA.

## **2 FAMÍLIA E ESCOLA: UMA PARCERIA**

A escola e a família desempenham importantes funções sociais e educacionais na vida da criança, contribuindo e influenciando a mesma na formação de ser caráter como cidadão. Ambas são responsáveis pela transmissão e construção do conhecimento, modificando o psicológico infantil de acordo com cada ambiente. A família e a escola são as duas principais instituições que desencadeiam os processos evolutivos nas crianças, essas instituições podem ter um papel construtivo ou inibidor na formação da personalidade infantil, se encontra aqui a importância de uma correta instrução. Na escola, os conteúdos curriculares devem garantir a passagem de conhecimento. Já, na família o objetivo consiste no processo de socialização, e no desenvolvimento cognitivo e afetivo (BARROSO, 2004).

O envolvimento entre escola e família é de extrema importância no progresso social, cognitivo e no sucesso escolar do aluno, esses ambientes estão ligados intrinsecamente no desenvolvimento humano (Marques, 2002). O desenvolvimento social na infância tem sido estudado em inúmeras pesquisas, pois a suas implicações para o funcionamento da criança em etapas posteriores do desenvolvimento (DICKEL; DEMENECH, 2016).

A família está presente em toda a sociedade como o primeiro ambiente de socialização, sendo responsável pelos principais padrões de comportamento e influência cultural da criança nos primeiros anos de vida. A família é responsável pela transmissão de valores, crenças, ideais e significados que estão presentes nas sociedades. Com isso, a família afeta de modo direto no comportamento da criança, que aprendem diferentes formas de desenvolver relações sociais.

No ambiente familiar a criança aprende resolver os seus conflitos, controlar as suas emoções, a expressar sentimentos e a lidar com as adversidades. A partir do momento em que o indivíduo é inserido no mundo, ele está interagindo com a sociedade. A educação recebida pelos pais, avós, tios, irmãos, as crenças, o reconhecimento do que está a sua volta, irá proporcionar a sua socialização, ocasionadas pelos contatos sociais e pela integração social (DEL PRETTE, 2014).

A família não pode ser definida apenas pelos laços de sangue existentes, e sim por um conjunto variado de interações e relações entre as pessoas. Existem variações sociais, biológicas que tem grande influência nas relações familiares. Os laços de sanguíneos, e as formas legais de união, a intimidade nas relações, a moradia, a renda são algumas dessas variações.

O conceito de família vem sendo alterado para englobar em si as relações que se estabelecem na sociedade atual. Não há uma definição ideal de família, devido às inúmeras combinações entre as pessoas, que formam os diferentes tipos de famílias. Os padrões familiares vão se transformando e reabsorvendo as mudanças psicológicas, sociais, políticas, econômicas e culturais, o que requer adaptações e acomodações às realidades enfrentadas (ALMEIDA, 2014).

A família exerce alta influência na formação dos vínculos afetivos, da autoestima, e também, constroem modelos das relações que são transferidas em outros contextos e momentos na integração social. Por exemplo, pais que são punitivos podem provocar nos seus filhos comportamentos de insegurança, dificuldades de estabelecer e manter vínculos com outras crianças, além de problemas sociais na escola e quando se tornarem adultos.

A capacidade de socializar envolve uma série de habilidades que variam entre as culturas e que permitem a criança estabelecer relações positivas com os demais. A integração social seria então a capacidade de o indivíduo apresentar um comportamento que possa atingir os objetivos de relação pessoal, mantendo o equilíbrio de poder e de trocas positivas (DESSEN; POLONIA, 2017).

A capacidade social começa a se manifestar na interação da criança com seus pais e familiares, a habilidade da criança de demonstrar vínculos positivos os pais é uma importante demonstração de um adequado desenvolvimento social. A capacidade social é notada quando a criança é capaz de realizar essas habilidades com outras pessoas do seu meio social que não seja família. De acordo com a cultura de cada local os pais assumem o papel de manipular os comportamentos da criança, buscando diminuir os comportamentos socialmente inadequados. O foco é fornecer à criança uma correta organização do seu comportamento (ALMEIDA, 2014).

As estratégias se caracterizam pela aplicação direta da força, incluindo punição física, privação de privilégios e afeto ou pelo uso de ameaças, fazem com que a criança controle seu comportamento apenas em função das reações punitiva, e não por aprender a se adequar ao que é imposto.

Além disso, elas produzem emoções intensas tais como medo, raiva e ansiedade, que reduzem ainda mais a possibilidade de a criança compreender a situação e a necessidade de modificar o seu comportamento. Ou seja, o controle do comportamento da criança depende de intervenções externas porque ela não adquire a capacidade de compreender a necessidade a alterar de suas ações (VIEIRA, 2020).

A capacidade se constrói num contexto sócio cultural, no qual são essenciais as atividades e ações conjuntamente compartilhadas, consideradas tipicamente humanas. O papel da família na construção conjunta da esfera sócio comunicativa infantil é uma das precursoras das primeiras manifestações de capacidade de comunicação intencional e da linguagem. Assim sendo é indispensável à participação da família no desenvolvimento social das crianças e adolescentes, devendo acompanhar todas as etapas correspondentes da vida desses indivíduos, lidando com as situações de forma correta e amorosa, fazendo com que a criança possa levar esses ensinamentos para o seu futuro convívio social externo (BORSA, 2017).

### **3 IMPORTANCIA DA LUDICIDADE NA ALFABETIZAÇÃO**

Desde o início do seu desenvolvimento as crianças fazem uso do lúdico como forma de interação com os seus pais e o seu círculo familiar, através desse tipo de

interação a criança aprende a brincar com seus pais, irmãos e mais tarde com os colegas e professores. A manipulação dos jogos, brinquedos e brincadeiras solitárias participam ativamente no impacto do desenvolvimento e aprendizagem da criança nos seus anos iniciais. É importante frisar que as atividades lúdicas não são exclusivamente os jogos e brincadeiras, mais são um conjunto de variedade de medidas que objetivam-se a aprimorar o processo de aprendizagem de forma divertida e interessante (KISHIMOTO, 2013).

O lúdico pode ser empregado na prática pedagógica docente como colaborador da aprendizagem, possibilitando a aproximação dos alunos ao conhecimento científico, por meio dessas atividades as crianças não só adquirem vivências com situações repetitivas, mas também aprendem a lidar com símbolos e a pensar por semelhança onde passa a ter sentido a noção das coisas imaginadas por elas (RAU, 2013).

A ludicidade, enquanto ferramenta pedagógica pode ser utilizada de forma multidisciplinar, no sentido de motivar e despertar o interesse das crianças para a construção do seu próprio conhecimento, a ludicidade tem papel importante no desenvolvimento cognitivo e social das crianças nas series iniciais do ensino fundamental, além de motivar e despertar o interesse das crianças para a construção do seu próprio conhecimento. O lúdico é uma estratégia insubstituível para ser usada como estímulo na construção do conhecimento humano e na progressão das diferentes habilidades operatórias, A atração pelo conhecimento parte da interação entre o lúdico a escola e o professor que são peças essenciais na aprendizagem (OLIVEIRA, 2013).

Ludicidade é um termo que tem origem na palavra latina “*ludus*”, que significa jogo ou brincar. Na educação, usamos o conceito do lúdico para nos referir a jogos, brincadeiras e qualquer exercício que trabalhe a imaginação e a fantasia. A ludicidade é um instrumento potente para o processo de ensino-aprendizagem em qualquer nível de formação, mas está presente com mais frequência na Educação Infantil. Isso porque, na infância, a forma como a criança interpreta, conhece e opera sobre o mundo é, naturalmente, lúdica (BARBOSA, 2018).

O brincar desempenha um papel extremamente importante na constituição do pensamento infantil. É através dele que se inicia uma relação cognitiva do indivíduo com o mundo de eventos, coisas, símbolos e pessoas que o rodeia. A partir da brincadeira, a criança reproduz o discurso externo, o internaliza, interpreta e constrói

seu próprio pensamento. Essa acaba sendo a linguagem infantil, à qual possui um importante papel para o desenvolvimento cognitivo à medida que sistematiza as experiências e colabora com a organização dos processos em andamento (OLIVEIRA, 2012).

O mundo real, com os seus valores e descabros só são assimilados pela criança através do lúdico inerente à brincadeira e o jogo. (OLIVEIRA, 2012)

Por isso, devemos valorizar e direcionar a brincadeira, quando utilizada como instrumento pedagógico. Processos de pré-alfabetização, por exemplo, podem acontecer de forma natural e fluida quando realizados a partir da ludicidade. Porém, é preciso tomar muito cuidado para não tirar a brincadeira dessa roupagem natural, pois o lúdico é uma metodologia pedagógica que ensina brincando e tem objetivos, mas nunca cobranças (RIBEIRO, 2013).

Ao brincar, a criança desenvolve uma relação afetiva com o mundo, com os objetos e, principalmente, com as pessoas ao seu redor. Isso faz com que ela se depare com limites, vontades, desejos e interpretações diferentes das suas, havendo, então, uma troca valiosa que constrói suas habilidades sociais. Ao entrar em contato com diferentes perspectivas e personalidades enquanto brinca, a criança alinha suas capacidades emocionais à convivência e à coexistência. Trabalhar os conceitos de cooperação, coletividade e trabalho em grupo através de brincadeiras com a turma, ou mesmo em casa com a família, desenvolve noções de respeito e igualdade em relação ao outro, valores que são extremamente importantes para a convivência em sociedade. (BARBOSA, 2018).

Muito se fala dos efeitos alienadores do uso excessivo de tecnologias e jogos digitais na infância. Isso afeta, além das habilidades sociais, o desenvolvimento psicomotor da criança, pois limita os estímulos que ela recebe a uma fonte inorgânica e artificial de conteúdos. Isso não faz desse tipo de recurso algo a ser completamente negado – ele, por certo, também tem seu espaço. Porém, correr, pular, dançar, escalar e conhecer o mundo através dos instintos e dos sentidos fazem com que a criança explore melhor seu próprio corpo. Isso, atrelado à ludicidade, traz habilidades como autoconfiança, autoestima e superação, eliminando inseguranças em relação ao mundo externo e às limitações internas (DICKEL; DEMENECH, 2016).

Na escola, as brincadeiras de corda, pega-pega, circuitos, gincanas, esportes e dança são atividades que devem ser frequentes, pois, além de trazer

benefícios individuais, fazem com que o cotidiano seja mais dinâmico e atrativo, tanto para as crianças quanto para os professores. Ludicidade como metodologia significa respeitar a interpretação da criança sobre o mundo e o lugar que ela ocupa nele. Através do lúdico, a criatividade, curiosidade e o desejo por saber acontecem de maneira natural, ampla e fluida, fazendo com que a educação aconteça de forma emancipadora, afetiva e plural (OLIVEIRA, 2012).

De acordo com Vygotsky (1991, p. 122):

É na atividade de jogo que a criança desenvolve o seu conhecimento do mundo adulto e é também nela que surgem os primeiros sinais de uma capacidade especificamente humana, a capacidade de imaginar (...). Brincando a criança cria situações fictícias, transformando com algumas ações o significado de alguns objetos.

As atividades lúdicas possuem um papel muito importante no desenvolvimento da criança, é a partir da interação entre diversas pessoas que se estabelece o processo de aprendizado e o aprimoramento das estruturas mentais da criança existentes desde o nascimento. Neste processo, é necessário que a criança estabeleça uma rede de contatos com outras crianças para conseguir construir novos conceitos pessoais. O meio social tem uma grande significância para as crianças que estão no auge do seu desenvolvimento, uma vez que assume o papel de meio de averiguação das diferenças entre as suas habilidades pessoais e as dos demais em seu círculo, para, a partir deste processo, formular hipóteses e sintetizar ideias acerca desses laços constituídos, tornando um processo interpessoal, num processo intrapessoal (KISHIMOTO, 2016).

A escola e a família desempenham importantes funções sociais e educacionais na vida da criança, contribuindo e influenciando a mesma na formação de ser caráter como cidadão. Ambas são responsáveis pela transmissão e construção do conhecimento, modificando o psicológico infantil de acordo com cada ambiente. A família e a escola são as duas principais instituições que desencadeiam os processos evolutivos nas crianças, essas instituições podem ter um papel construtivo ou inibidor na formação da personalidade infantil, se encontra aqui a importância de uma correta instrução. Na escola, os conteúdos curriculares devem garantir a passagem de conhecimento. Já, na família o objetivo consiste no processo de socialização, e no desenvolvimento cognitivo e afetivo (BARROSO, 2014).

O envolvimento entre escola e família é de extrema importância no progresso social, cognitivo e no sucesso escolar do aluno, esses ambientes estão ligados

intrinsecamente no desenvolvimento humano. O desenvolvimento social na infância tem sido estudado em inúmeras pesquisas, pois a suas implicações para o funcionamento da criança em etapas posteriores do desenvolvimento (DICKEL; DEMENECH, 2016).

A escola reúne atividades, regras e valores que é permeado por conflitos, problemas e diferenças. Na escola que as crianças processam o seu desenvolvimento, olhando o mundo com outra perspectiva que a apresentada em casa, por meio das atividades programadas e realizadas em sala de aula e fora dela. A escola envolve personalidades variadas, diferentes características, que produz novos tipos de interação, diversas, contínuas e complexas. A escola é um ambiente multicultural que constrói laços afetivos e prepara a criança para a sua integração com a sociedade (FATIMA; SILVA, 2014).

A escola é uma instituição fundamental e indispensável para a construção do indivíduo. Uma das funções mais importantes da escola é preparar tanto alunos como professores e pais para viverem em igualdade e superarem as dificuldades em um mundo de mudanças rápidas e de conflitos interpessoais, contribuindo para o processo de desenvolvimento da criança. A escola utiliza o conhecimento advindo da sociedade para promover o desenvolvimento da memória seletiva, criatividade, associação de ideias, organização e sequência de conhecimentos, etc. Há pessoas com características completamente diferentes, uma das outras, inclui também um número significativo, de interações contínuas, que ajudam no desenvolvimento do aluno, abrange conhecimento, a construção de laços afetivos preparando assim para inserção na sociedade (BARROSO, 2014).

Na escola a criança e o professor interagem em uma relação social onde o foco principal né a atividade intelectual, a criança é colocada diante de uma tarefa para compreender os conceitos sistematizados e o professor como mediador orienta. Não deve ser uma relação de imposição, mas sim, uma relação de cooperação, respeito e crescimento. A criança deve ser considerada como interativa e ativa no seu processo da construção do conhecimento, tendo o professor o papel fundamental nesse processo, pois é um indivíduo mais experiente, cabe ao professor considerar o que o aluno já sabe sua bagagem cultural e intelectual, para melhor aprendizagem (ALMEIDA, 2014).

O professor e os colegas formam um conjunto de mediadores da cultura possibilitando progressos no desenvolvimento da criança. Nessa perspectiva, não

cabe analisar somente a relação professor-aluno, mas também a relação aluno-aluno, a construção do conhecimento constitui-se coletivamente, sem ignorar a ação intrapsíquica da criança (SOUZA, 2009).

Admitindo a assimetria das interações professor-aluno, é possível deslocar o eixo da discussão para a qualidade da influência exercida por professores e alunos. As incontáveis discussões sobre ensino volta-se ao que está implícito acima: a responsabilidade do professor no processo ensino-aprendizagem na sua sala de aula. Exatamente por ter estas condições em mãos, espere-se do professor sensibilidade e permeabilidade àquilo que faz o aluno, desde o desempenho acadêmico até as manifestações afetivas. Apenas e somente se levar em consideração o aluno, como base de suas decisões e ações, é que o professor poderá ampliar a esfera de influência do aluno naquilo que se faz em sala de aula (BARROSO, 2014).

Pois a realidade do aluno é levada para a sala de aula e o professor, neste sentido, necessita criar possibilidades para que o aluno se expresse, por meio de experiências e relatos que contribuam para a interação do grupo, as trajetórias humanas sociais, coletivas, de classe, gênero, raça e idade, dos setores populares estão estreitamente emaranhadas com suas trajetórias escolares. Pois o professor tende de compreender a realidade existente, se possível verificar os exemplos de sua própria sala de aula, onde cada qual age de uma forma, possui uma cultura e determinados valores embutidos em si próprio. Sendo assim deve analisar que a realidade dos alunos está aliada às vivências escolares, uma não é separada da outra. O aluno, ao sair do ambiente familiar para se inteirar no escolar, está sujeito a encontrar situações diferentes de sua realidade de vida com as quais o mesmo não está acostumado a se deparar (BORSA, 2007).

À escola cabe oferecer condições para que a criança permaneça na instituição e que sua aprendizagem ocorra de forma eficaz, caso contrário continuaremos a presenciar a exclusão dentro do próprio ambiente escolar cujo espaço tem por meta a inclusão de todos. Assim, cabe ao psicopedagogo institucional, junto com a equipe escolar avaliar os fatores que interferem na aprendizagem dos alunos e suas causas, prevenindo as dificuldades de aprendizagem e, conseqüentemente, o fracasso escolar (VERCELLI, 2011. p.73).

Portanto a escola tem o papel de proporcionar, intencionalmente, condições que favoreçam o desenvolvimento da criança oferecendo-lhe uma variedade de oportunidades procurando estabelecer relações interpessoais com o meio para que elas possam exercitar as funções que ao longo do seu desenvolvimento vão

amadurecendo e favorecendo os seus processos de ensino e aprendizagem (BORGES; SALOMÃO, 2013).

Em geral, a família é considerada o fundamento básico e universal das sociedades, embora variem suas estruturas e funcionamento. A família tem, portanto, grande responsabilidade no processo de socialização da criança. Escola e família são importantes na formação do indivíduo é participando do grupo que ele aprende a fazer parte da sociedade, que se constitui sua identidade. A sociedade tem passado por diversas transformações e muitas delas têm refletido no modelo de família considerado “ideal”. Temos visualizado famílias em condições precárias para realizar a socialização primária, papel que lhe compete na sociedade (AQUINO; SALOMÃO, 2019).

A escola é uma grande parceira da família, não substitui o papel dos responsáveis como educadores, tão pouco é menos importante. É muito importante a participação dos pais na escola, todo tipo de colaboração, avaliação e opiniões devem ser bem vindas. Se cada uma das partes participar com compromisso e responsabilidade, com certeza a criança aprenderá da melhor forma a tomar decisões e se tornará conhecedora de seus direitos e deveres, serão responsáveis e comprometidas. As relações afetivas e o funcionamento da unidade familiar variam de família para família, de acordo com suas normas, regras, valores e vivências próprias, com uma dinâmica única, conforme a história de vida de cada um (ALVARENGA; PICCININI, 2017).

A família tem práticas sociais e valores bastante variados e diferenciados das famílias de alguns anos atrás, não se trata apenas dos vários tipos de representações familiares, mas se trata também de como estas enxergam na atualidade a representatividade da educação e da escola, bem como a importância e a assistência que estas famílias estão transmitindo as crianças, sabemos que a família é a primeira instituição social a transmitir valores, as crianças chegam ao seu primeiro ano escolar já trazendo com eles uma série de ensinamentos que obtiveram no ambiente familiar (BATISTA; ENUMO, 2014).

As famílias, porém, por não saberem tomar atitudes e métodos educativos mais democráticos, acabam por não trabalhar com a formação de limites dos filhos, fazendo com que se tenha um “elo” de ligação direta com as reflexões e métodos adotados por especialista do campo educacional a cerca da criação e formação da criança como indivíduo social em seu processo de desenvolvimento humano,

tornando-os incapazes de criar seus filhos para a sociedade onde há regras. Com isso, a escola tenta fazer o papel dos pais, que muitas vezes não conseguem passar os conceitos de ética e moral, tornando assim seus filhos, crianças sem noções de limites e regras, “as crianças e os adolescentes mostram se, por um lado, pouco acostumadas a vivenciar e a respeitar os limites que visam assegurar a sobrevivência de si e a do grupo no qual estão inseridos (DALGLEISH et al., 2017).

A contribuição dos pais na educação dos filhos deve ser de forma fidedigna e consciente. Vida familiar e vida escolar são simultâneas e complementares e é importante que pais, professores, filhos/alunos compartilhem experiências, entendam e trabalhem as questões envolvidas no cotidiano escolar, pois a escola exerce uma função educativa junto aos pais, discutindo, informando, aconselhando, encaminhando os mais diversos assuntos, numa tentativa conjunta de promover a educação (FATIMA; SILVA, 2014).

A escola possui um papel importantíssimo, pois apresenta uma grande diversidade cultural, com isso, os educadores assumem um grau de comprometimento na aprendizagem bastante significativo em relação aos aspectos humanos sociais. Como a transmissão de valores, como a solidariedade, já que, no ambiente escolar é essencial ensinar aos alunos a respeitarem as diferenças existentes, formando assim, pessoas capazes e comprometidas com o bem social, e ensinando os a superar os obstáculos que possam ocorrer (DE SOUSA BRAZ AQUINO; SALOMÃO, 2019).

Trabalhar os conceitos familiares e éticos exige muito mais do que uma simples compreensão da realidade trata-se de trabalhar os problemas enfrentados na sociedade, com a ideia do verdadeiro sentido da função desempenhada no diálogo existente em sala, buscando a harmonia e a boa convivência, já que, o educador tende a lidar com as mais distintas realidades necessitando assim ter um equilíbrio e flexibilidade (EDUCAÇÃO, 2014).

#### **4 APRENDIZAGEM E ALFABETIZAÇÃO E RELAÇÕES EDUCACIONAIS AFETIVAS**

A aprender é o processo pelo qual o indivíduo adquire informações, habilidades, atitudes, valores etc. a partir de seu contato com a realidade, o meio ambiente e as outras pessoas. É um processo que se diferencia dos fatores inatos (a

capacidade de digestão, por exemplo, que já nasce com o indivíduo) e dos processos de maturação do organismo, independentes da informação do ambiente (a maturação sexual, por exemplo).

A aprendizagem não é apenas desenvolvimento, e sim uma correta organização da aprendizagem onde a criança conduz ao desenvolvimento mental e com isso consegue ativar processos que produzem a aprendizagem. Por isso, a aprendizagem é um momento necessário e universal para que se desenvolvam na criança essas características humanas não naturais, mas formadas historicamente (VYGOTSKY, 1991).

Segundo o Referencial curricular nacional para a educação infantil (1998, p. 122).

[...] para aprender a ler e a escrever, a criança precisa construir um conhecimento de natureza conceitual: precisa compreender não só o que a escrita representa, mas também de que forma ela representa graficamente a linguagem. Isso significa que a alfabetização não é o desenvolvimento de capacidades relacionadas à percepção, memorização e treino de um conjunto de habilidades sensório-motoras. É, antes, um processo no qual as crianças precisam resolver problemas de natureza lógica até chegarem a compreender de que forma a escrita alfabética em português representa a linguagem, e assim poderem escrever e ler por si mesmas (BRASIL, 1998, p. 122).

Já a alfabetização segundo Val (2006, p. 19).

“[...] como processo específico e indispensável de apropriação do sistema de escrita, a conquista dos princípios alfabético e ortográfico que possibilitam [...] ler e escrever com autonomia”. E o letramento como: [...] um processo que tem início quando a criança começa a conviver com as diferentes manifestações da escrita na sociedade (placas, rótulos, embalagens comerciais, revistas, etc.) e se prolonga por toda a vida, com a crescente possibilidade de participação nas práticas sociais que envolvem a língua escrita como, a leitura e redação de contratos, de livros científicos, de obras literárias. (VAL, 2006, p. 19)

Soares (2000, p.4), fala que “a alfabetização e o letramento são um somatório, se alfabetizar significa orientar a criança para o domínio da tecnologia da escrita, letrar significa levá-la ao exercício das práticas sociais de leitura e de escrita”. Uma criança alfabetizada é uma criança que sabe ler e escrever; uma criança letrada é uma criança que tem o hábito, as habilidades e até mesmo o prazer de leitura e de escrita de diferentes gêneros de textos, em diferentes suportes ou portadores, em diferentes contextos e circunstâncias.

A aprendizagem não é em si mesma, desenvolvimento, mas uma correta organização da aprendizagem da criança conduz ao desenvolvimento mental, ativa todo um grupo de processos de desenvolvimento, e esta ativação não poderia produzir-se em aprendizagem. Por isso, “a aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal para que se desenvolvam na criança essas características humanas não naturais, mas formadas historicamente”. (VYGOTSKY, 2010, p.115).

O aprendizado organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer. Assim, o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas (VYGOTSKY, 1989).

A educação infantil é a primeira etapa da educação básica e só recebeu uma importância na LDB, que enfatiza:

Art. 29 A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem com finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Art. 30 A educação infantil será oferecida em:

I – creches ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade;

II – pré-escolas para crianças de quatro a cinco anos de idade.

Art. 31 Na educação infantil a avaliação é mediante acompanhamento e registro de seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental (BRASIL, 1996).

Os alunos do ciclo de alfabetização possuem entre 6 e 8 anos de idade e, portanto, são crianças. Embora pareça evidente, devemos nos lembrar que crianças pensam como crianças. E, ainda que muitos falem o contrário, não se deseja que rapidamente pensem como adultos contribuindo para ampliar suas possibilidades de entendimento do mundo. Além disso, nunca se pode esquecer que a criança ficará na escola por muitos anos, por isso não é necessário ter pressa para forçar algumas atitudes que, muitos estudos indicam, somente serão plenamente dominadas mais tarde (BRASIL, 2014, p. 19).

Segundo (OLIVEIRA, 2011). Neste processo a aprendizagem o indivíduo adquire informações, habilidades, atitudes, valores, etc. a partir de seu contato com a realidade, o meio ambiente, as outras pessoas. É um processo que se diferencia dos fatores inatos (a capacidade de digestão, por exemplo, que já nasce com o

indivíduo) e dos processos de maturação do organismo, independentes da informação do ambiente (a maturação sexual, por exemplo). Em Vygotsky, justamente por sua ênfase nos processos sócios históricos, a ideia de aprendizado inclui a interdependência dos indivíduos envolvidos neste processo, porém sempre apoiado na interação social.

Na educação não existe nada de passivo, de inativo. Até as coisas mortas, quando se incorporam ao círculo da educação, quando se lhes atribui papel educativo, adquirem caráter ativo e se tornam participantes ativos desse processo. (VYGOTSKY, 1991, p. 54).

Inserir o afeto na educação infantil e na alfabetização é sempre muito importante, pois a afetividade deve estar presente desde a vida intra - uterina, até os últimos dias de vida, se manifestando como uma fonte geradora de potência e energia e devendo ser a base sobre a qual se constrói o conhecimento racional. Sabe-se que a Educação Infantil compreende um período de grande importância na formação intelectual e emocional do indivíduo (AMORIM, NAVARRO, 2012).

A formação do indivíduo está condicionada ao desenvolvimento do sistema nervoso e na qualidade do processo de troca que ocorre entre a sociedade, e do processo educativo do qual faz parte, por isso se enfatiza necessidade de considerar as relações pessoais e o processo educacional, pois estes exercem função essencial no processo de construção de conhecimento e na constituição e desenvolvimento da criança. Cada estágio da vida oferece ao indivíduo desafios importantes para seu desenvolvimento. O ser humano está em constante processo de aprendizado, desde o nascimento e isso não ocorre de forma isolada. São vários os fatores, tanto biológicos, quanto sociais ou históricos que influenciam na formação do sujeito, mas que isolados não determinam a sua regra (TOASSA, 2013).

Considerando a realidade ao seu redor, o professor pode desenvolver atividades envolvendo as crianças em um ambiente que favoreça a aprendizagem e o seu desenvolvimento intelectual. As crianças que apresentam uma boa socialização na primeira infância têm um melhor desenvolvimento, isso está relacionado com as oportunidades que possuíram em adquirir uma própria autonomia e segurança em si mesmas. Já as crianças que não tiveram essas oportunidades e foram por algum motivo isoladas do convívio social, tendem a apresentarem uma personalidade mais retraída e insegura, tendo dificuldades em se comunicar na vida adulta. É importante realizar brincadeiras e momentos de

aprendizado para com as crianças, permitindo que as mesmas façam trocas entre si adquirindo conhecimento (DICKEL; DEMENECH, 2016).

É através da atividade lúdica que a criança desenvolve a habilidade de subordinar-se a uma regra. Dominar as regras significa dominar o próprio comportamento, aprendendo a controlá-lo e a subordiná-lo a um propósito definido (LEONTIEV, 1998, p.139).

O bebê desde que nasce começa a interagir com o outro através de gestos, e quanto mais estímulos ele recebe melhor se desenvolve, é na interação e através dela que acontece o desenvolvimento integral do ser humano, e este tem papel formador e transformador na vida do sujeito. Nas formas de interações lúdicas há uma troca de informações e conhecimentos entre as crianças, e essa diversidade de experiências é fundamental para o desenvolvimento completo das habilidades cognitivas e motoras.

O conhecimento é construído por meio da interação, e não isoladamente, com o outro e de acordo com a realidade em que vive. Quando o professor conhece o valor das relações sociais entre as crianças, ele pode criar condições favoráveis para a aprendizagem e o desenvolvimento dos sujeitos, sendo ele o mediador nas interações do brincar e educar em um ambiente interativo, dando lugar a novas possibilidades na vida da criança (PRETTE, 2014).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É de suma importância o estudo para além da afetividade das diversas metodologias lúdicas no ambiente escolar, haja vista que o mesmo pode proporcionar aos discentes o desenvolvimento da oralidade e do pensamento dos alunos, tornando-os capazes de buscar soluções para as dificuldades. Além de que o lúdico também pode ser empregado na prática pedagógica como colaborador da aprendizagem, possibilitando a aproximação dos alunos ao conhecimento, além de que, pode ser utilizado de forma multidisciplinar, no sentido de motivar e despertar o interesse das crianças para a construção do seu próprio conhecimento. Através do trabalho com a ludicidade pode-se ter um melhoramento no rendimento escolar, conseqüente uma ampla e significativa aprendizagem.

A falta da afetividade ou uma afetividade negativa traz conseqüências como a discriminação, sentimento de inferioridade, e até mesmo o sentimento de abandono, situações que tornam-se marcantes na vida escolar do aluno deixando

traumas, dificultando aprendizagem, tristeza, falta de compromisso, inimizades, antipatia, além de distanciamento do aluno do conhecimento e desenvolvimento da vida escolar entre vários outros prejuízos.

A afetividade entre professor e o aluno, de forma positiva causa grandes impactos positivos ajudando o aluno a adquirir novos conhecimentos. Visto que as emoções possui um papel importante no processo de alfabetização, e influencia diretamente no comportamento dos alunos no que se refere à aprendizagem.

A criança passa por um processo de desenvolvimento de competências emocionais desse modo faz-se necessário estimular práticas de valorização do aluno, para o professor por sua vez a afetividade colocada em pratica para com os alunos apresenta benefícios no processo de formação, onde o ambiente escolar fica agradável a todos e o professor contagia o aluno e o aluno contagia o professor, trazendo uma troca de experiências vividas.

Para a sociedade afetividade contribui, uma vez que questiona o indivíduo, pois requer uma educação voltada para o desenvolvimento afetivo, social e intelectual de forma completa, onde forma indivíduos pensantes, capazes de participar de uma sociedade, ampliando seu conhecimento de mundo e desenvolvendo suas relações com o outro, compreendendo que elas são vistas, e tem significado. **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. Campinas/SP: Papyrus, 1999.

ALMEIDA, E. B. DE. Emanoelle Bonácio de Almeida A RELAÇÃO ENTRE PAIS E ESCOLA : A INFLUÊNCIA DA A RELAÇÃO ENTRE PAIS E ESCOLA : A influência da família no desempenho escolar do aluno. 2014.

ALVARENGA, P.; PICCININI, C. A. O impacto do temperamento infantil, da responsividade e das práticas educativas maternas nos problemas de externalização e na competência social da criança. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 20, n. 2, p. 314–323, 2017.

AMORIM, Márcia Camila Souza; NAVARRO, Elaine Cristina Navarro. Afetividade na educação infantil Interdisciplinar: **Revista Eletrônica da Univar**, n.º 7 p. 1 – 7, 2012.

AQUINO; SALOMÃO. Contributions of the joint attention ability to the infant social cognition. **Psicologia em Estudo**, v. 14, n. 2, p. 233–241, 2019.

BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. da G. S. Projetos pedagógicos na educação infantil. Porto Alegre: Grupo A, 2018.

BARROSO, J. Cultura, cultura escolar, cultura de escola. **Escolas, culturas e identidades. Comunicações. III Congresso Luso-brasileiro de História da Educação**, p. 103–111, 2014.

BATISTA, M. W.; ENUMO, S. R. F. Inclusão escolar e deficiência mental: análise da interação social entre companheiros. **Estudos de Psicologia**, v. 9, n. 1, p. 101–111, 2014.

BORGES, L. C.; SALOMÃO, N. M. R. Aquisição da Linguagem: Considerações da Perspectiva da Interação Social. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 16, n. 2, p. 327–336, 2013.

BORSA, J. C. O papel da escola no processo de socialização infantil. **Departamento de psicologia clínica da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS**, v. 1, p. 1–5, 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Apresentação**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2014.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

DALGLEISH, T. et al. Tema: Importância da Integração família escola, suas dificuldades e seus encontros, dialogo necessário para a construção do sujeito e o futuro do contexto escolar. **Journal of Experimental Psychology: General**, v. 136, n. 1, p. 23–42, 2017.

DE SOUSA BRAZ AQUINO, F.; SALOMÃO, N. M. R. Contributions of the joint attention ability to the infant social cognition. **Psicologia em Estudo**, v. 14, n. 2, p. 233–241, 2019.

DICKEL, A.; DEMENECH, F. A cultura escolar e a produção da cultura da escola com a entrada/permanência do “novo” na escola: um ensaio sobre os seus efeitos. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 23, n. 1, p. 23–42, 2016.

EDUCAÇÃO, F. D. E. Emanuelle Bonácio de Almeida A RELAÇÃO ENTRE PAIS E ESCOLA: A INFLUÊNCIA DA A RELAÇÃO ENTRE PAIS E ESCOLA: A influência da família no desempenho escolar do aluno. 2014.

FATIMA, G. D. E.; SILVA, D. A. Escola e Família: Integração para uma educação de qualidade. 2014.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio XXI**: o dicionário da Língua Portuguesa. 3 ed. Totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

JUNG, C.; AMARAL, F. Análise de Artigos de Revisão e Elaboração de Artigos Científicos. Produção UFRGS. 2010.

KISHIMOTO, T. M. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2016.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Jogos tradicionais Infantil: O jogo, a criança e a educação. Petrópolis: Vozes, 2013.

LEONTIEV, A. N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

OLIVEIRA, J. R. O prazer de aprender brincando. Niterói: Ática, 2010.

OLIVEIRA, Z. R. de; MARANHÃO, D.; ASSUD, I.; ZURANSKI, M. P. FERREIRA, M.V; AUGUSTO, S. O trabalho do professor na educação infantil. 1. ed. São Paulo: Biruta, 2012.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos. **Jogo de papéis: um olhar para as brincadeiras infantis**. São Paulo: Cortez, 2011.

PIAJET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. Psicologia das relações interpessoais: vivências para o trabalho em grupo. n. May, p. 231, 2014.

RAU, Maria Cristina Trois Dorneles. A ludicidade na Educação: uma atitude pedagógica. 2. Ed. São Paulo: Ibpex, 2013.

RIBEIRO, S. de S. A Importância do Lúdico no Processo de Ensino Aprendizagem no Desenvolvimento da Infância. 2013.

SOARES, Magda. **Letrar é mais que alfabetizar**. Entrevista para o Jornal do Brasil - 26/11/2000. Disponível em: <[http://www.bemcomum.org.br/bibliotecas/textosdeapoio/\\_letrar\\_e\\_mais\\_que\\_alfabetizar.pdf](http://www.bemcomum.org.br/bibliotecas/textosdeapoio/_letrar_e_mais_que_alfabetizar.pdf)> Acesso em: 10/05/2022. ta005

SOUZA, M. Maria Ester Do Prado Souza Família / Escola : a Importância Dessa Relação No Desempenho Escolar . Maria Ester Do Prado Souza Família / Escola : a Importância Dessa Relação No Desempenho Escolar . 2009.

TOASSA, G. A “Psicologia pedagógica” de Vigotski - Considerações introdutórias. **Nuances : estudos sobre Educação**, v. 24, n. 1, p. 64–72, 2013.

VAL, Maria das Graças Costa. **O que é ser alfabetizado e letrado?** 2004. In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de (org.). Práticas de Leitura e Escrita. 1. Ed.

VERCELLI, L. C. A. O trabalho do psicopedagogo institucional. Revista Espaço Acadêmico, 2012.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Fontes, 1987.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A Formação social da mente: o desenvolvimento os processos psicológicos superiores**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WALLOW, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições, 1995.